

**Paulo de Tarso Correia de Melo**

**HOMENAGEM DOS BIBLIOTECÁRIOS,  
LIVREIROS E EDITORES DO RN  
A VINGT-UN  
(23.10.1998)**

**FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO,  
COLEÇÃO MOSSOROENSE, Série "B",  
Número 1589, Outubro de 1998.**  
Co-edição com ETFRN-UNED de Mossoró e  
Secretaria de Educação e Cultura da Paraíba.

**Paulo de Tarso Correia de Melo**

**HOMENAGEM DOS BIBLIOTECÁRIOS,  
LIVREIROS E EDITORES DO RN  
A VINGT-UN  
(23.10.1998)**

**FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO,  
COLEÇÃO MOSSOROENSE, Série "B",  
Número 1589, Outubro de 1998.**  
Co-edição com EFRN-UNED de Mossoró e  
Secretaria de Educação e Cultura da Paraíba.

Pronunciar o nome de **JERÔNIMO VINGT-UN ROSADO MAIA** na abertura solene da Semana Nacional do Livro e da Biblioteca é honroso para quem quer que o faça. Tentar fazer-lhe uma “apresentação” em qualquer espaço do Rio Grande do Norte seria pretencioso e descabido. E por cima de tudo não seria fácil. À esta altura de sua vida, o curriculum do Professor Vingt-Un conta uma centena de páginas. Como escolher o mais representativo? Em uma ocasião como a de hoje só se pode falar dele por atacado. Quem tentar o varejo, cai no estudo crítico.

O motivo pelo qual recebe agora a homenagem dos bibliotecários, livreiros e editores do Rio Grande do Norte é ser o editor de uma coleção que já tem 2.332 títulos publicados, a Coleção Mossoroense.

Vingt-Un Rosado, mossoroense como a coleção, é engenheiro-agrônomo pela Escola Superior de Agronomia de Lavras. É autor de uma bibliografia de 300 títulos, recentemente catalogada. Foi Professor Fundador de 3 faculdades e idealizador da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte. Foi duas vezes Diretor da Escola Superior de Agronomia de Mossoró, sendo, na segunda vez, o primeiro Diretor Eleito. É Professor Emérito da ESAM e Professor Honoris Causa pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Integrou o Conselho Estadual de Cultura. É membro de 4 academias em dois estados da federação, tendo sido criador e ex-presidente de 2 delas, a Academia Norte-riograndense de Ciências e a Academia Mossoroense de

Letras. A Academia Norte-rio-grandense de Letras e a Academia Cearense de Farmácia são as outras duas. É membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e de mais 4 outros pelo Nordeste afora, no Ceará, Pernambuco e Paraíba. Integra cerca de 40 sociedades científicas nacionais e internacionais nas diferentes categorias de sócio fundador, honorário, benemérito, contribuinte e correspondente. É sócio fundador, honorário e Ex-Vice-Presidente da Sociedade Brasileira de Paleontologia, Ex-Presidente da Sociedade Botânica do Brasil e Ex-Vice-Presidente da Sociedade dos Amigos do Museu Nacional. Tudo isto não é tudo, mas falando por atacado é um bom carregamento. Pode ser que em mais duas folhas de prosa eu possa escolher no varejo o que mais me agrada e fascina em Professor Vingt-Un.

Da pouca poesia que publiquei, tem que haver, pelo menos, uma meia dúzia de linhas das quais sinta orgulho. É o caso de algumas do poema Planck recentemente incluído em antologia nacional.

*Perdido e ignorado na urdidura  
da imensa tapeçaria do universo  
há um fio frágil que (...)  
associa distantes aventuras,  
carretel de crioulas ariadnes  
une retalhos dispaes, costura  
em túnica inconsútil os acasos  
impossíveis (...)*

O que estou querendo dizer é que este fio frágil une todos nós que estamos nesta sala na condição privilegiada de



contemporâneos de Vingt-Un Rosado. E quero dizer mais. Quero dizer um mínimo de como se associam nossas distantes aventuras, a dele e a minha, com a humilde felicidade e consciências pessoal de que não são distantes apenas em tempo e espaço, mas principalmente em volume, importância e valor, embora insistindo que se associam de alguma forma inesperada e afetiva.

A primeira vez que ouvi falar em Vingt-Un Rosado, andava eu pelos treze anos. Um colega do grêmio literário, no qual intentávamos editar um jornal, falou que precisaríamos ouvir alguém mais velho e anunciou que receberíamos a visita de um cientista. Veio e era. Era Antônio Campos e Silva e ele falou em Vingt-Un. Pouco mais velho que qualquer um de nós, nos causou uma funda impressão. Mas nós só queríamos saber de literatura.

Pelos dezoito, já na Universidade e colaborando na Tribuna do Norte, reencontro Campos, ele e eu funcionários do Departamento de Documentação e Cultura da Prefeitura Djalma Maranhão, Campos já ligado ao Instituto de Antropologia da UFRN. Conversaríamos muito e ele continuava a falar em Vingt-Un.

Alguns anos depois, recém-graduado, parto para uma pós-graduação nos Estados Unidos. Lá, numa noite que quase trinta anos de distância me fazem parecer gelada e solitária, recebi a notícia do acidente que vitimara Antônio Campos e Silva. Com que emoção vi agora, na Antologia sobre Vingt-Un, a mensagem de Newton Navarro, também nosso colega da D.D.C., na época do ocorrido. Ele falava da “homenagem à memória do nosso campinho” e grafava

assim, com letra minúscula. Campinho era mesmo um campo vasto, florido de possibilidades. Não sei se de nossas conversas sobrou-me um fascínio ignorante por arqueologia e paleontologia no que chamo meus poemas. A primeira publicação deles chama-se Talhe Rupestre. Associo também a esta convivência com Antônio o fato de que, no currículo de Professor Vingt-Un, a homenagem que me pareceu definitiva foi haverem batizado com seu nome 7 espécimes fósseis, todos com a aquela sonoridade poética e alatinada de seu sobrenome Rosado, lembrando a rosa-ae da primeira declinação. Encanta-me igualmente a poética humildade da declaração de Vingt-Un em um auto-retrato: “Tive a sorte de encontrar a 1ª folha fóssil de Mossoró e o 1º peixe.” Não estranhem o meu encanto. Toda vida que ouço falar em Lagedo da Soledade, penso, imediatamente, que seria belo título para um livro de poemas.

Em um artigo incluído na Antologia sobre Vingt-Un, registra Antônio Campos e Silva: “Uma pedra apanhada por um tropeiro na Serra Mossoró que gentilmente enviou ao Dr. Price, foi reconhecido um quelônio fóssil, o segundo mais antigo do mundo.” Parece até que devo a Campos, e de certa forma a Vingt-Un, a quadra que dá é título ao meu segundo livro.

*Na longa história enfeixada  
na menor pedra que guarda secreta  
biografia do planeta  
o poema aguarda.*

Porque não quis ser um advogado parnasiano e terminei um pedagogo vitimado pela literatura, há outro aspecto na trajetória de Vingt-Un que me entusiasma. Quando Presidente do Instituto Brasileiro do Sal, além de empreendimentos importantes para a área, instalou e fez funcionar 7 escolas primárias em cidades salineiras pelo Brasil afora, 4 no Rio Grande do Norte, 1 no Ceará, 1 em Sergipe e 1 no rio Grande do Norte.

O lado humano de Vingt-Un Rosado sintetiza-se em um parágrafo da prosa inigualável de Osvaldo Lamartine, em artigo pitorescamente intitulado “Soldado padioleiro nº 494.”

“Quando veio a guerra, muitos fomos convocados e o cuidado e capricho de cada um era “caprichar na pontaria”. Mas ele pensou nos que iam levar os tiros e foi ser o soldado padioleiro nº 494 da Companhia Escola de Engenharia (Ouro fino, Três Rios e Deodoro). E de lá para cá nunca mais soltou os punhos da padiola, voluntário carregador dos sonhos e problemas de nossa terra e gente.” Mas isso não é tudo; à página 70 do curriculum, encontro a revelação: “Os vencimentos do soldado padioleiro 494, da Companhia Escola de Engenharia, em Deodoro, Estado do Rio de Janeiro, eram entregues ao Sargento Inácio, para compra de livros destinados à Biblioteca da Companhia.”

Senhoras e Senhores, este é Vingt-Un Rosado. O “fio frágil que associa distantes aventuras” faz com que esta semana seja também lembrado o cinquentenário de ausência de Monteiro Lobato, editor heróico como Vingt-



Un, que certamente divulgou nas bibliotecas infantis criadas em Mossoró a obra infanto-juvenil do genial paulista. Outra coisa os aproxima. Lobato é o apóstolo do petróleo brasileiro como Vingt-Un o foi no chão mossoroense, hoje a segunda área produtora do país.

Não desconfiem, portanto, de Max Planck, da quase mística teoria quântica, do meu “fio frágil que aproxima distantes aventuras”. Querem ver?

No Auto-Retrato, Vingt-Un declara: “Alfabetizei-me aos 8 anos, aluno de De Lourdes Leite.” Descubro maravilhado que De Lourdes Leite, lúcida aos 86 anos, é nada mais nada menos que minha sogra, que estou hospedando no momento. Ex-aluna de Eliseu Viana na Escola Normal de Mossoró, começou bem alfabetizando Vingt-Un Rosado, e formou os quatro filhos, três dos quais professores da UFRN.

Estou certo que nenhum dos bibliotecários, livreiros e editores aqui presentes, negará a Vingt-Un Rosado a emoção de receber a placa comemorativa das mãos de sua primeira professora.

Vingt-Un Rosado se diz um “trabalhador braçal da cultura.” Nós todos sabemos que é um gênio tutelar do conhecimento no Estado e no País.

Na placa de prata que lhe entregam hoje, insisti que gravassem três linhas de Castro Alves:



*Bendito o que semeia  
livros... livros à mão cheia  
e manda o povo pensar.*

Elas podem até ter sido gastas com muita gente que não merece, mas ninguém as merece mais de que Vingt-Un Rosado. E o seu poema preferido deve ser mesmo O livro e a América.

